

# ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA COMPETIÇÃO NO ESPORTE ESCOLAR: ESTUDO DE CASO

Emerson Dias Batista<sup>1</sup>

Ana Kariny Cabral Araújo<sup>1</sup>

Célio Fernando Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

Lara Flôr Barroso Gadelha<sup>1</sup>

Raphael Moura Rolim<sup>1,2</sup>

Thales André Garcia Santos<sup>1</sup>

Thayse Milenna de Oliveira<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Universitário Facex (UNIFACEX) na cidade de Natal/RN

<sup>2</sup> Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte (LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro/SP)

## RESUMO

A competição faz parte do esporte como algo inerente ao contexto e, em busca de resultados melhores, treinadores e atletas chegam ao limite do desgaste físico e psicológico. Neste trabalho objetivamos a compreensão do verdadeiro papel da competição dentro do âmbito escolar. O objetivo, também, é desmistificar em partes a banalização teórica negativa do esporte competitivo, aos quais muitos excluem totalmente a competição, por acharem pedagogicamente inadequado. Trata-se de um estudo de caso, como forma de aprofundamento de um assunto específico relacionado à Educação Física escolar, compreendendo um fenômeno de relevante discussão para a área, utilizando como material de estudo um vídeo disponível no Canal Youtube™. A competição possui sua importância, então não pode ser excluída, mas sim mudada de sentido. Há possibilidades de uma transformação no esporte para que ele possa assumir seu papel educativo dentro da escola, podendo ser utilizado como instrumento pedagógico através da cooperação e competição nos moldes corretos, estabelecendo o vínculo com o processo de conhecimento e da prática saudável da atividade física.

**Palavras-chave:** Transformação no Esporte. Esporte Escolar. Educação.

## ANALYSIS ON THE COMPETITION'S ROLE IN SCHOOL SPORT: CASE STUDY

### ABSTRACT

The competition is part of the sport as something inherent to the context and, for better results, coaches and athletes come to the physical and psychological strain limit. In this work we aimed to understand the true role of competition within the school environment. The goal also is to demystify the negative parts theoretical trivialization of competitive sport, which many completely exclude competition, because they think pedagogically inappropriate. This is a case study as a way of reinforcing a specific issue related to Physical Education, comprising a phenomenon of relevant discussion to the area, using as study material a video in Youtube Channel™. The competition has its importance, then it can not be excluded, but changed direction. There are possibilities of a transformation in the sport so he can take their educational role within the school and can be used as an educational tool through cooperation and competition in the correct manner, establishing the link with the process of knowledge and healthy physical activity.

**Keywords:** Transformation in the Sport. School Sport. Education.

## INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) de Educação Física, propõe seis conteúdos como componentes da disciplina de Educação Física Escolar. Dentre estes conteúdos está o Esporte, que é alvo de grandes discussões por intelectuais, principalmente na década de 80, devido a uma transformação que acontecia com a Educação Física na época. Kunz e Trebels (2006) ao recordar estes anos, retrata como o período de maior revolução e transformações para a Educação Física Brasileira, trazendo uma nova esperança.

Os questionamentos eram em torno do papel do esporte na educação. O esporte na década de 70 e 80, devido à influência dos militares, buscava sempre o alto rendimento dos alunos/atletas. O aluno iria para a aula realizar cópias mecânicas de movimentos pré-definidos, considerados os corretos.

Daí, intelectuais como Cavalcanti (1984), Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992), Kunz, (2010) Bracht (1997), Assis (2010), etc., fizeram fortes críticas em torno da situação. O esporte, segundo suas linhas de pensamento, estava espelhado no modelo capitalista, sendo opressor e favorecedor ao capitalismo. Cavalcanti (1984) analisava o esporte como “pensado para as massas”, onde procurava satisfazer uma política assistencialista, que reproduz a competitividade do mercado, fornecendo moldes da sociedade capitalista.

Mas afinal, qual o verdadeiro objetivo do esporte no âmbito escolar? Formar atletas ou preparar alunos? Qual o melhor a ser trabalhado na escola: o esporte de alto rendimento que é submetido aos alunos por meio de treinos, ou o esporte que proporciona vivências corporais? Neste trabalho serão discutidas todas essas questões, desde a relação entre a sociedade e o esporte, discussões em torno do papel do esporte escolar e propostas para uma transformação na estrutura do esporte, para que ele se torne realmente educativo e não alienante.

Essa análise será exemplificada através de um estudo de caso, onde um vídeo de uma reportagem extraída do Canal Youtube™ serviu como base para o desenvolvimento da temática em questão.

## O CAPITALISMO, A SOCIEDADE E O ESPORTE DE RENDIMENTO ESCOLAR

A sociedade reflete o capitalismo, e o esporte é um reflexo da sociedade. Por isso, o esporte é constantemente relacionado com sistema capitalista. Cavalcanti (1984, p.42) diz que o “capitalismo introduz a ideia do rendimento – tempo – trabalho – produção, e toda essa dinâmica reflete-se integralmente no esporte”. Nossa sociedade vive assim, nessas três bases que Cavalcanti mencionou: tempo, trabalho e produção. Vivemos para conseguir dinheiro, e quanto mais produzir mais retorno teremos, seja em dimensões individuais ou de uma grande empresa. O esporte, como reflexo da sociedade, não foge deste contexto.

O atleta de rendimento, seja em qualquer esporte, vive de conquistas. Tentar melhorar seu tempo, seu rendimento e ficar entre os melhores são, geralmente, os principais objetivos. Sem isso, não terá seu retorno. “Quem não conseguir entrar no *ranking* dos melhores, também não consegue um bom patrocínio para seus rendimentos esportivos” (KUNZ, 2010, p.54). É a este modelo que o atleta está submetido.

A sociedade industrial, essa de competitividade, investimentos, retorno financeiro, altas taxas de produção, custo-benefício, entre outros atributos, diz muito sobre o esporte, principalmente aquele de rendimento. “O esporte é o modelo típico, ideal da sociedade industrial, fundada sobre o rendimento produtivo e competitivo” (BROHM, 1976, p. 46 apud CAVALCANTI, 1984, p. 42), pois, “a atividade esportiva converteu-se numa produção que adota todas as características da produção industrial” (LAGUILLAUMIE 1978, p.41 apud CAVALCANTI, 1984, p.42).

Cavalcanti (1984, p.43) fala da especialização no esporte como “consequência mais direta do princípio de rendimento aplicado ao esporte”, em que o atleta está “transformado numa engrenagem automática de um trabalho parcial para atender às exigências do sistema esportivo”.

[...] Tal como o operário está acorrentado à sua máquina, lutando fisicamente para seguir o ritmo imposto pelo trabalho em cadeia, o atleta encontra essa mesma angústia, uma vez que a sua atividade está profundamente ligada aos segundos que transcorrem num circuito fechado, artificial e abstrato (LAGUILLAUMIE, 1978 apud CAVALCANTI, 1984, p.43).

Fica claro aqui, que essa discussão leva a um ponto em comum: o esporte como reprodução da força de trabalho (BRACHT, 1997). “O esporte teria se desenvolvido em estreita ligação com as necessidades da reprodução da força de trabalho para o sistema de produção capitalista” (BRACHT, 2011, p.66).

No âmbito escolar, é comum observarmos a exibição do quadro de medalhas (troféus) como conquistas de forma a atrair novos matriculados. Uma publicidade que, por trás dela, se esconde as

“condições inumanas do esporte de rendimento” (KUNZ, 2010). O esporte, assim tratado na escola, perde (e muito) seu caráter educacional, trazendo para os alunos uma especialização precoce. O mesmo autor questiona qual a responsabilidade pedagógica que a escola e o professor possuem ao inserir nossos alunos (crianças e adolescentes) em treinos e competições esportivas. Além disto, ele critica as ciências biológicas, bem como a Medicina Esportiva, que reconhecem os prejuízos físicos resultantes da iniciação precoce ao esporte, porém mesmo assim, continuam a elaborar métodos de reduzir ou anularem as consequências.

Porém, o autor alerta que o maior prejuízo vem de ordem psíquica, onde alunos são submetidos a testes para ver quem é o melhor, e o fracasso vem como consequência. Uma criança, numa idade tão prematura, ser submetida a estas experiências que nem mesmo os adultos sabem lidar com elas, é um tanto quanto perigoso. As consequências serão sérias. Ainda segundo o autor, estes problemas “se manifestam e se tornam mais graves, especialmente em casos onde ouve desilusões, fracassos e até mesmo pela falta de talento para a modalidade ou para o próprio esporte em geral” (KUNZ, 2010, p. 51).

Os perigos do esporte de alto rendimento dentro de um contexto escolar são muitos, e atacam a todos os alunos num contexto geral. Quando se trabalha a busca pelo alto rendimento, automaticamente se exclui os menos habilidosos, acarretando nos problemas citados acima. Kunz (2010) afirma que quando o treinamento especializado é precoce, possivelmente, pela carga horária dos treinos que lhe é submetido, o aluno irá ter uma formação escolar falha, e seu desenvolvimento será unilateral, ao invés de ser diverso. Além disso, o tempo será pouco para o aluno realizar suas atividades de criança, como brincar, que ajuda no desenvolvimento infantil.

Uma criança, que deveria obter vivências diversas em aulas de Educação Física, para ter um desenvolvimento bom, poderá ter seu desenvolvimento comprometido, como Kunz assinala anteriormente. Partindo do ponto de vista desenvolvimentista, defendido por Tani *et al.*, (1988), em uma atleta precoce de handebol, ao invés de uma criança desenvolver habilidades motoras gerais, irá aprender muitas habilidades apenas para esportes semelhantes ao handebol, com uso maior da parte superior do corpo.

Para Kunz, a especialização precoce leva a criança a:

[...] reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância. Em dias que a criança treina, pode-se, grosso modo, dividir o plano de atividades da seguinte forma: de manhã das 8h às 12h, escola, à tarde das 13h30min às 15h30min estudo e tarefas escolares e das 16h às 18h treinamento (2010, p.50).

Introduzindo e aplicando este tipo de esporte (de rendimento) na escola, estaremos desde cedo expondo nossos alunos a uma série de problemas de ordem física e psíquica, como mencionados anteriormente.

Porém, há outros problemas: ao não considerar o aluno como ser de escolhas, mas sim, como objeto, em que iremos “lapidar” (expressão muito usada quando se pretende treinar um jovem talento), só estaremos favorecendo ao sistema opressor em que o esporte de rendimento submete aos seus praticantes. Sem liberdade de escolha, com treino, aperfeiçoamento de técnicas, preparação para competições, cronometragem, transformamos uma aula em um sistema opressor na escola. Assim, segundo Sérgio (1976, apud CAVALCANTI, 1984, p.117), “o atleta desce de fim a meio, de sujeito a objeto, de homem a coisa”. Ainda, segundo o autor, este esporte padronizado domestica a ação e a criatividade, mantendo o status opressivo, já que “a presença transformadora do indivíduo não é permitida nem considerada” (SÉRGIO, 1976 apud CAVALCANTI, 1984, p. 53).

## A COMPETIÇÃO E O CONTEÚDO DO ESPORTE

A competição está presente em todas as instâncias do esporte. Para ser campeão deve-se concorrer com alguém, para ser recordista, deve-se superar outro adversário. Então, é inegável a competição dentro do esporte.

O esporte é um sistema institucionalizado de práticas competitivas, predominantemente físicas, delimitadas, codificadas, regradas convencionalmente, cujo objetivo reconhecido é, sobre a base de uma comparação de performances, de proezas, de demonstrações físicas, designar o melhor concorrente (o campeão) ou registrar a melhor performance (recorde) (BROHM 1976, p.45, apud CAVALCANTI, 1984, p.42).

Estamos destinados a passar por uma rigorosa competição desde o nosso primeiro dia de vida. Não só nós, seres humanos, mas qualquer ser vivo (DARWIN, 1985). Nossa sobrevivência, como a dos outros animais, não seria possível se nós não estivermos aptos a competir. Parece ser muito generalizado, se tratando de que iremos falar de esporte. Mas não, a competição está na nossa origem evolutiva, no nosso instinto. Freire (2009, p. 136) diz que o esporte representa “[...] num contexto lúdico, as ações individuais e coletivas das pessoas e da sociedade. Portanto, a competição não nasce no jogo, mas é nele representada”.

Porém, existem críticas em torno dela dentro do esporte escolar. Alguns profissionais preferem a cooperação, criticando a competição dentro de aulas pedagógicas, principalmente na Educação Infantil.

Um belo dia, pessoas ligadas a alguns setores da Educação Física começaram a apreçoar a ideia de que eram indesejáveis, na Educação Infantil, as atividades que envolviam a competição. E a velha mania de pensar ser possível superar um problema negando-o (FREIRE, 2009, p.136).

Freire ainda argumenta que, esse caráter predatório da competição que a sociedade assume, não é culpa jogo, e não será eliminando a competição em si que acabará com o problema. Afirma ainda que não crer que tenhamos ultrapassado um estágio na evolução que nos permita viver sem a competição.

A competição, como atividade de jogo, sempre existiu. [...] O que acontece é que a competição lúdica tem exercido funções importantes: no mínimo, a de manter, nas pessoas e na sociedade, uma característica que, na sua ausência, poderia ter-nos custado a própria existência quanto espécie (FREIRE, 2009, p.136).

A história deixa claro que a competição sempre existiu, então bani-la, no âmbito escolar, seria negar a história da humanidade um ambiente de educação. Então, resta a nós, profissionais e futuro profissionais, saber lidar com a competição e trabalhá-la, juntamente com o esporte, como instrumento pedagógico.

Talvez, o ensino da competição através do esporte, poderia ser a alternativa para que o aluno compreenda a competição exacerbada que existe em meio ao esporte de alto rendimento e na sociedade. Essa competição exacerbada, que necessita de prejudicar o próximo ou a si mesmo (no caso do doping) para vencer, seja o alvo a ser combatido ou controlado. “Recusar-se a fortalecer, na Educação, a forma depravada com que a competição se manifesta na sociedade tecnocrática é desejável, mas sem negar à criança o direito de exercer e ampliar sua cultura” (FREIRE, 2009, p. 138).

A ideia de conteúdo (esporte) como conhecimento da matéria do currículo (Educação Física) a ser transmitida aos alunos é totalmente equivocada, afirma Libâneo (2013). O esporte não é apenas um conteúdo em que irá ser transmitido aos alunos o conhecimento de como praticá-lo. Não é apenas isso. Segundo o autor, os “conteúdos devem incluir elementos da vivência prática dos alunos para torná-los mais significativos, mais vivos, mais vitais, de modo que eles possam assimilá-lo ativa e conscientemente” (2013, p.141). Ou seja, para que o esporte seja significativo educacionalmente, ele deve estar atrelado e em sintonia com a realidade do aluno. De acordo com Libâneo, os conteúdos são:

[...] O conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida. Englobam, portanto: conceitos, ideias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras; habilidades cognoscitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudo, de trabalho e de convivência social; valores, convicções, atitudes (2013, p. 142).

Como o próprio autor diz,

[...] Os conteúdos retratam a experiência social da humanidade, no que se refere a conhecimentos e modos de ação, transformando-se em instrumentos pelos quais os alunos assimilam, compreendem e enfrentam as exigências teóricas e práticas da vida social (2013, p. 12).

É interessante, também, ressaltar o caráter científico do esporte. Libâneo (2013) recomenda que o professor sempre busque uma explicação científica. No esporte, seria explicar o ‘por que’ daquela prática, o que ela irá desenvolver nos alunos, de onde surgiu e como surgiu, etc.; ele também fala do professor estimular a busca independente pelo conhecimento, como ajudar o aluno a observar e identificar o esporte enquanto fenômeno social.

O próximo tópico entrará com discussões em como poderá ser colocado tudo o que foi discutido na prática esportiva da escola.

## DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Esta pesquisa caracteriza-se por ser um estudo de caso qualitativo de cunho descritivo. Esse tipo de método está relacionado pela análise e aprofundamento de um determinado objeto. Sobre o estudo de caso, Fialho e Filho (2008, p. 4521) afirmam que “de forma geral, visa proporcionar certa vivência da realidade, tendo por base a discussão, a análise e a busca de solução de um determinado problema extraído da vida real”. Buscou-se, então, a investigação com relação à importância da competição dentro contexto do esporte escolar, dialogando com autores que abordam o assunto e ampliam a concepção de uma abordagem mais social e educativa no processo incessante na busca por resultados.

Foi analisado um vídeo do Canal Youtube™ onde o treinador de uma determinada equipe escolar de Pouso Alegre/MG chama um dos seus alunos/atletas de “burro”, termo pejorativo que levou a discussão sobre uma possível punição para o treinador que, posteriormente, foi demitido pela escola na qual dava aula.

## ANÁLISE

O vídeo em questão, a ser analisado, mostra o professor/técnico com ânimos bem exaltados, cobrando incisivamente da equipe de handebol em que ele está à frente. Há momentos que em que o mesmo centraliza suas cobranças em um só aluno, chegando a chamá-lo de “burro”. Neste caso, fica claro que a competição está supervalorizada.

Observando o vídeo, se vê um esporte de rendimento aplicado ao contexto escolar, e um professor que confunde sua atuação com a de um técnico esportivo. Professor de Educação Física escolar não é técnico. Não pode haver técnicos em escolas, pois a escola é um ambiente de aprendizado e construção de conhecimentos (LIBÂNEO, 2013).

A competição, como mencionada anteriormente, é importante para o desenvolvimento de qualquer ser. Porém, a competição que é apresentada, com a supervalorização, não faz parte daquele contexto, ou não era para fazer. O handebol que vimos no vídeo é apenas um dos esportes nas escolas, em que foi introduzido naquele contexto escolar com os códigos e sentidos da instituição esportiva (BRACHT, 1997). Ou seja, ele está ali sem preocupação nenhuma em ser aprendido ou praticado, ou em ser utilizado como instrumento pedagógico. A preocupação maior é na vitória, nos troféus e títulos. A partir daí, o foco não está no aluno, mas sim no nome da escola em que ele “carrega” ao disputar um torneio como os Jogos Escolares.

No vídeo o garoto não é tratado como um aluno, mas sim como atleta de rendimento, ao qual o professor é o responsável por tirar o máximo de capacidades motoras e cognitivas com fins em resultado esportivo. Além disso, a confusão entre ser professor e ser técnico esteve presente. A comparação do professor com técnicos renomados como Muricy Ramalho e Bernardinho, que são treinadores de equipes de alto rendimento, está fora do contexto. Ele está presente na instituição escolar aplicando conhecimentos e referências da instituição esportiva. O fato do esporte estar frequente na escola, não significa ele não possua responsabilidade pedagógica. Quando um professor se denomina técnico em uma escola, com certeza seu trabalho será a de um técnico, e não a de um mediador de conhecimentos e de pensamentos críticos acerca da realidade. O interesse pedagógico a partir do movimento humano some, e o interesse capitalista em sobrepujar (KUNZ, 2010), tentar estar acima do próximo, surge como principal. A partir daí surge às indagações: o que realmente é adequado, e como deve ser tratado o esporte no contexto escolar? Qual o sentido e significado do esporte para a escola? Qual é o papel no esporte escolar?

O vídeo mostra as “condições inumanas do esporte de rendimento” (KUNZ, 2010). O tipo de pressão por resultados, sofrida pelos alunos/atletas, com certeza acarreta em problemas, desde a ordem física até a psicológica. Primeiramente, a cobrança excessiva do professor pelo posicionamento em quadra do aluno, nos leva a pensar que anteriormente eles passaram por uma série de treinos para repetir as situações durante a partida. Kunz (2010) alerta para a especialização precoce, onde o aluno poderá sentir dificuldades no aprendizado e na escola, por ter certa carga horária destinada a treinos. Além disso, ao final do vídeo, mostra que o time excessivamente cobrado pelo seu professor/técnico, perdeu a partida e foi eliminado. Segundo Kunz (2010) o aluno pode sofrer com problemas de ordem psicológica, causadas por desilusões (o que deve ter acontecido com todo o time), fracasso (time eliminado) e falta de habilidades esportivas (o aluno foi chamado de “burro” porque não soube marcar). O esporte assim tratado nas escolas pode trazer várias outras consequências, como a do doping, exemplo, causado pela supervalorização da competição.

Não há responsabilidade pedagógica no esporte de rendimento aplicado ao contexto escolar. O que aconteceu durante a partida de handebol foi uma “seriação” (KUNZ, 2010) do que era pra ser divertido e prazeroso para o aluno. Segundo Bracht (1997), nestas condições o aluno passa de humano a coisa, de fim para meio e é tratado como objeto.

## PROPOSTAS PARA UMA TRANSFORMAÇÃO DO ESPORTE

Para que o esporte seja realmente significativo na aprendizagem cognitiva, social e afetiva de um aluno, deve ir além das acusações e sistematização didática apresentadas desde o início deste trabalho. Precisa sair apenas da teoria para a teoria unida com a prática. Neste tópico será apresentada algumas propostas para que o esporte sofra sua transformação e consiga, enfim, ser um instrumento educacional.

Como foi apresentado anteriormente, o esporte tem seu caráter cultural. A cultura da sociedade é refletida no esporte, e, segundo Assis (2010), foi modificada para produto de consumo. Porém, segundo o mesmo autor, o esporte:

Traz consigo possibilidades contraditórias, estabelecidas em sua própria dinâmica, de forma que é possível enfatizar situações que privilegiem a solidariedade sobre a rivalidade, o coletivo sobre o individual, a autonomia sobre a submissão, a cooperação sobre a disputa, a distribuição sobre a apropriação, a abundância sobre a escassez, a confiança mútua sobre a suspeita, a descontração sobre a tensão, a perseverança sobre a desistência e, além de tudo, a vontade de continuar jogando em contraposição à pressa para terminar o jogo e configurar os resultados (2010, p.196).

Para Assis, o esporte ideal é aquele que foge do processo ditatorial dos gestos, dos modelos e das regras e que seja adaptada a realidade social e cultural do aluno, com experiência de sucesso para todos, adquirido como *bem cultural*. Porém, para que essas ações sejam efetivas, o autor fala que o professor de Educação Física tente ações conscientes orientadas pelo projeto político-pedagógico (PPP).

O Projeto político-pedagógico (PPP) é o norteador da escola, ele quem indica a visão da escola, seus objetivos, além de ser específico para cada unidade escolar. Então, presume-se que ele já tenha escrito a realidade educacional e cultural dos alunos. A partir daí, de acordo com Assis, se o professor de Educação Física seja consciente em suas ações pedagógicas e orientado pelo “PPP”, a proposta por um esporte melhor e *reinventado* dará um grande passo. Utilizar um esporte com fins pedagógicos desconectado da realidade social e cultural dos alunos será uma atitude em vão.

Kunz (2010) também possui sua perspectiva para o esporte escolar e para a Educação Física em geral. O autor acredita que o objetivo central é o movimento humano, mas não o simples movimento, e sim o *se-movimentar*, com a especificidade de cada aluno. Sem isso, a tendência seria instrumentalizar as atividades para movimentos específicos com ênfase no rendimento.

Enquanto Assis (2010) pede o resgate da ludicidade no esporte, Kunz (2010) vai um pouco mais além, numa definição mais ampla e filosófica, pedindo o resgate da *linguagem do movimento*. Segundo Kunz, a linguagem do movimento transcende “o desenvolvimento da competência instrumental-objetiva” (2010, p. 108).

[...] Analisando os interesses inerentes ao movimento humano, quando um livre, espontâneo e prazeroso expressar-se pelo movimento, ou quando adquire a forma de uma linguagem que se expressa por signos outros que não a linguagem verbal, descobriu-se manifestações possíveis por essa linguagem do movimento, enquanto diálogo de ser humano e mundo [...] (KUNZ, 2010, p. 107).

Kunz coloca com ênfase o fator subjetividade, já que “O desenvolvimento do saber humano enquanto capacidade de *saber-sentir*, *saber-pensar* e *saber-agir* é inseparável do desenvolvimento da subjetividade” (2010, p. 109). O que o autor pensa para o esporte (e Educação Física escolar em geral) é a possibilidade de vivências subjetivas, com os alunos livres e espontâneos para se expressarem, sem aquela velha sistematização instrumental-objetiva.

Ainda segundo Kunz, o professor de Educação Física deve:

[...] Promover o “agir comunicativo” entre seus alunos, possibilitado pelo uso da *linguagem*, para expressar entendimentos do mundo social, subjetivo e objetivo, da interação, para que



todos possam participar em todas as instâncias de decisão, na formulação de interesses e preferências, e agir de acordo com as situações e as condições do grupo em que está inserido e do trabalho no esforço de conhecer, desenvolver e apropriar-se da cultura (2010, p. 123).

Para Kunz, o ensino do conteúdo será facilitado pela estratégia didática em que ele denomina de “transcendência de limites”, onde o aluno é confrontado a partir de situações onde a dificuldade aparecerá. Disso, o aluno transcenderá seu limite, e entrará em outro estágio, seja cognitivo, motor ou social. Para isso, com dificuldades, o aluno irá ser capaz de criar ou inventar situações no esporte. O aluno, assim, irá aprender pela sua experiência, manifestando pela linguagem o que aprenderam, e irão se tornar questionadores sobre sua aprendizagem. O autor discute ainda, que a transformação didático-pedagógica do esporte acontece por meio da identificação do *se-movimentar* de cada esporte.

Na prática, segundo o autor, o professor deve atentar a três competências: objetiva, comunicativa e social. A competência objetiva seria o *trabalho*, onde há realização de tarefas durante a aula. A competência comunicativa seria a *linguagem*, em que seria representada pela verbalização e até a linguagem do movimento, como por exemplo, o questionamento, a partilha de experiências, a explicação, etc. E, por fim, a competência social estaria para a *interação*, em que alunos interagem com outros alunos a fim de resolver problemas da competência objetiva, por exemplo (KUNZ, 2010).

O arranjo de materiais também é colocado como pedagogicamente importante por Kunz. Segundo ele os materiais possuem a capacidade de influenciar e despertar o fator subjetividade. Freire (2009) diz que quanto mais variado for esse material, mais rico (pedagogicamente) ele será.

O material pintado com várias cores é muito mais atraente e motivador para a criança. Ademais, várias cores implicam e várias subclasses, estimulando trabalhos de classificação para o desenvolvimento do pensamento lógico. Se variarmos os objetos em formas, por exemplo, triangulares, circulares e retangulares, haverá um estímulo para que a criança tenha acesso ao espaço euclidiano e para a classificação por formas. Se fizermos variações de peso e tamanhos, a criança se verá frente a problemas de conservação, de quantidade, de seriação, etc. (FREIRE, 2009, p. 49-50).

A partir daí, na prática, o aluno transcenderá seu limite pela experimentação, pois ele terá uma variante de materiais a escolher; transcenderá seu limite pela aprendizagem, em que a partir escolha do material, de acordo com sua característica, ele irá desenvolver formas de resolver o *trabalho*; e, transcenderá seu limite pela criação, ou seja, ele irá começar a desenvolver novas formas alternativas para resolver a atividade (KUNZ, 2010).

Percebe-se aqui, que toda essa alternativa didática, proposta por Kunz (2010), Assis (2010) e até mesmo Freire (2009), direcionam a atividade para a autonomia do aluno, respeitando sua cultura de movimento e propiciando um *se-movimentar* individual e coletivo. Não é cobrado destrezas técnicas (o que não significa que não há um aprendizado motor), a atividade é centrada no aluno e o mesmo possui a liberdade para criar e praticar o esporte de acordo com sua cultura de movimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi descrito em todo o corpo deste artigo, podemos chegar à um denominador comum e responder à questão mencionada na introdução: “Mas afinal, qual o verdadeiro objetivo do esporte no âmbito escolar?”, o objetivo é preparar o aluno para a vida fora da escolar, mas não deixar que o esporte interfira de forma negativa (atrapalhando nos estudos e no desempenho escolar) na vida desse aluno. A intenção do esporte escolar é formar, acima de tudo, alunos, com conhecimentos do esporte, qualquer que seja ele, e utilizar esses conhecimentos em sua vida cotidiana, como por exemplo, a cooperação, o esporte facilita a colocação da teoria na prática quando se refere à cooperação, trabalhar em equipe não é fácil, mas dentro do esporte, é de suma importância, e essa prática facilita com que o aluno possa trabalhar de forma coletiva visando melhorar sua relação com os outros, levando para a vida o que se passa no contexto esportivo.

Portanto, podemos concluir que o estudo de caso trouxe em discussão que o esporte é uma nova ferramenta disciplinadora, onde treinador e pedagogo podem organizar um Projeto Político-Pedagógico juntos com o papel de proporcionar uma atividade física saudável em que o aluno não sofra tantas pressões, assim como as vistas pelo vídeo aqui explanado, e que o aluno possa brincar enquanto aprende, pois a

brincadeira é o trabalho das crianças. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) afirma que o brincar é importante já que possibilita, nas relações entre as crianças, o exercício da autonomia e da cooperação.

Faz-se necessário a ênfase voltada aos profissionais de educação física e àqueles que estão em processo de formação, que tenham conhecimento de suas práticas, e que estas irão influenciar de forma direta na manutenção dos comportamentos adquiridos pelos seus alunos durante as aulas de educação física.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, S. Reinventando o Esporte: Possibilidade da Prática Pedagógica. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2010.
- BRACHT, V. Sociologia Crítica do Esporte: Uma introdução. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2011.
- BRACHT, V. Educação Física e Aprendizagem Social. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física.** (1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental). Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- CAVALCANTI, K.B. Esporte Para todos: Um discurso Ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- DARWIN, C. **Origem das espécies.** São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1895.
- FIALHO, J.T.; FILHO, A.N. **O estudo de caso dirigido como metodologia de pesquisa para a Educação à Distância (EAD).** Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/644\\_503.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/644_503.pdf)> Acesso em: 30 de Mar. 2015.
- FREIRE, J.B. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- KUNZ, E; TREBELS, A.H. (Org.). Educação Crítico-Emancipatória: Com uma Perspectiva da Pedagogia Alemã do Esporte. Ijuí: Unijuí, 2006.
- KUNZ, E. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2010.
- LIBÂNEO, J.C. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013. 288 p.
- SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- TANI, G. *et al.* **Educação Física Escolar:** fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

Rua Joaquim Eduardo de Farias, 209  
Condomínio Sun Set - BL B - AP 1203  
Ponta Negra  
Natal/RN  
59091-130